



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

CÍNTIA VITÓRIA ALVES DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DISCURSO NARRATIVO EM *CLARA DOS
ANJOS***

PALMAS

2026

CÍNTIA VITÓRIA ALVES DA SILVA

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DISCURSO NARRATIVO EM *CLARA DOS ANJOS*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto Federal do Tocantins- *campus* Palmas, como requisito parcial para aprovação no curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. David Siqueira Fontes Neto.

PALMAS – TO

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

S586r Silva, Cíntia Vitória Alves
Representações do feminino e discurso narrativo em Clara dos Anjos /
Cíntia Vitória Alves Silva. – Palmas, TO, 2026.
36 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2026.

Orientador: Me. David Siqueira Fontes Neto

1. Literatura brasileira. 2. Lima Barreto. 3. Gênero. I. Siqueira Fontes
Neto, David. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).**

CÍNTIA VITÓRIA ALVES DA SILVA

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DISCURSO NARRATIVO EM *CLARA DOS ANJOS*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto Federal do Tocantins- *campus* Palmas, como requisito parcial para aprovação no curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/2026.

Prof. Me. David Siqueira Fontes Neto
IFTO – Campus Palmas

Profa. Dra. Dianine Censon Lopes
IFTO – *Campus* Paraíso

Profa. Dra. Maria da Glória de Castro Azevedo
UFT - *Campus* Porto Nacional

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que, em todos esses anos, me apoiaram, especialmente à minha família, para mim, fonte infinita de amor. Aos meus pais Alderina e José Carlos e ao meu irmão e melhor amigo, Diego, pela presença e cuidado. Compartilhar a vida com vocês é motivo de felicidade.

Registro meu sincero agradecimento ao meu orientador, professor Me. David Siqueira Fontes Neto pelo acolhimento e por todos os ensinamentos. Obrigada pela paciência e compreensão diante dos desafios surgidos ao longo desta trajetória. Agradeço também às grandes amigas que a vida me deu: Vanessa, Fernanda e Larissa. Aos professores e colegas de curso que de alguma forma fizeram parte de minha jornada acadêmica, sobretudo, às minhas amigas queridas Thamyres, Paloma, Samara, Simone e Hillary. Além disso, estendo meus agradecimentos à banca examinadora, que é composta pelas professoras Dianine Censon Lopes e Maria da Glória de Castro Azevedo, sou imensamente grata por se disponibilizarem a ler e a contribuir com meu trabalho.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise acerca das representações do feminino no romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, considerando o discurso narrativo na construção das personagens, bem como os aspectos sociais presentes no contexto brasileiro do século XX. Para tal, foram analisadas as personagens femininas e a participação do narrador, articulada ao cenário social. Conclui-se que as personagens femininas analisadas foram representadas, integralmente, sob os estigmas de uma estrutura que as oprime; contudo, a narrativa apresenta indícios de tensão entre submissão e autonomia. Dessa forma, a obra promove uma reflexão crítica sobre os mecanismos sociais responsáveis pela manutenção dessas estruturas.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Lima Barreto; Representações do feminino; Discurso narrativo; Gênero.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of the representations of the feminine in the novel *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, considering the narrative discourse in the construction of the characters, as well as the social aspects present in the Brazilian context of the 20th century. To this end, the female characters and the narrator's role, articulated with the social setting, were analyzed. It is concluded that the analyzed female characters were represented, in their entirety, under the stigmas of an oppressive structure; however, the narrative presents signs of tension between submission and autonomy. Thus, the work promotes a critical reflection on the social mechanisms responsible for maintaining these structures.

Keywords: Brazilian literature; Lima Barreto; Representations of the feminine; Narrative discourse; Gender.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 LIMA BARRETO E A CONSTRUÇÃO DE CLARA DOS ANJOS.....	10
2.1 O Pré-Modernismo no Brasil e a trajetória de Lima Barreto.....	10
2.2 Subúrbio e crítica social como elementos recorrentes em Clara dos Anjos.....	15
3 A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA E O POSICIONAMENTO DO NARRADOR..	20
3.1 Narrador e ponto de vista: caminhos de interpretação.....	20
3.2 A representação das personagens e os sentidos construídos pela narrativa.....	22
4 AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM CLARA DOS ANJOS.....	28
4.1 Passividade e conformismo nas representações femininas em Clara dos Anjos.....	28
4.2 Ruptura, contraste e tipologia das personagens femininas.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como ponto de partida a realização de um percurso em torno do cenário literário brasileiro corrente no início do século XX, momento de mudanças advindas do movimento modernista no Brasil, o que deu origem ao período que foi denominado como pré-modernismo e que, mais tarde, após a ocorrência da Semana de Arte Moderna, transfigurou-se no Modernismo. Nesse ínterim, as obras produzidas experimentaram os traços característicos das manifestações artísticas modernistas provindas da Europa, assumindo, no que diz respeito à literatura, dentre uma das características, o cunho social, assim, evocando a problematização das relações de tensão de natureza política e de classe, marcadas por desigualdades sociais que constituíam o corpo social brasileiro da época.

No decurso deste ciclo precedente à consolidação do Modernismo, situa-se a produção de Lima Barreto, que por meio de sua escrita, denunciava as mazelas sociais, confrontando o sistema republicano presente no Rio de Janeiro nos primeiros decênios do século XX. Em seu romance *Clara dos Anjos*, obra analisada nesta pesquisa, o autor retrata a realidade vivenciada pelos habitantes das regiões periféricas, que durante a instauração da primeira república e a implementação do plano de urbanização da cidade passaram a ser povoadas pelas classes sociais mais baixas. A narrativa apresenta personagens provenientes do subúrbio carioca, local onde o enredo sucede. A análise delineada neste estudo aplica-se a determinadas personagens femininas presentes na obra.

Ademais, a presente pesquisa centraliza-se na investigação acerca das representações da figura feminina, observando os posicionamentos assumidos pelo narrador em relação às personagens femininas. Para tanto, o trabalho busca responder às seguintes indagações: De que maneira o narrador de Lima Barreto influencia a percepção do leitor sobre as personagens femininas? Em que medida as personagens femininas podem ser vistas como agentes de mudança ou como vítimas de um sistema opressivo?

Conjectura-se que a obra apresenta personagens femininas em conflito entre as exigências sociais impostas às mulheres, e a busca por autonomia e liberdade. Determinados posicionamentos em relação a padrões impostos assumidos pelas personagens, podem ser vistos como uma crítica à rigidez das normas sociais que limitam a liberdade das mulheres. O narrador se apresenta de forma crítica e por vezes irônica, conferindo à representação das mulheres uma dimensão complexa, ao passo que revela suas fragilidades, mas também ressalta suas capacidades, ao mesmo tempo em que questiona a idealização romântica da

mulher como um ser submisso e passivo. Conforme o desdobramento da narrativa, as personagens femininas de *Clara dos Anjos* podem ser vistas tanto como vítimas quanto como potenciais agentes de mudança.

A pesquisa se justifica por permitir um debate mais amplo sobre os papéis sociais e culturais da mulher para além do contexto de escrita da obra, que ultrapassam o contexto de produção da obra e continuam a exercer influência significativa sobre a sociedade brasileira. Por meio desta análise, espera-se evidenciar como a obra de Lima Barreto antecipa e contribui para a reflexão crítica sobre a condição feminina, discutindo a retratação da mulher na sociedade brasileira e suas representações literárias. Ademais, a permanência, na contemporaneidade, de problemáticas como o racismo estrutural, a desigualdade de gênero e a manutenção de padrões morais conservadores e excludentes confere ao texto uma pertinência que ultrapassa seu contexto de produção. Nesse sentido, o presente estudo contribui para uma leitura crítica do texto literário como reflexo e agente de transformação social, articulando passado e presente por meio da análise das permanências históricas.

Desse modo, busca-se, por meio deste trabalho, evidenciar o romance de Lima Barreto, traçando uma análise em torno das representações femininas em *Clara dos Anjos*, com embasamento em estudos, no que diz respeito aos elementos literários presentes na obra, empreendidos por Alfredo Bosi (1970; 1979), em *História concisa da literatura brasileira e O Pré-Modernismo*, Massaud Moisés (1990), em *A Criação Literária*, Domício Proença Filho (1997), em *A linguagem literária*, e, no que concerne a teoria narrativa, Wayne C. Booth (2022), em *Retórica da Ficção*. Além do estudo biográfico sobre Lima Barreto, realizado por Lília Moritz Schwarcz (2017), em *Lima Barreto: Triste visionário*.

Os estudos serão conduzidos a partir da revisão literária do romance *Clara dos Anjos* (1948), de Lima Barreto, a fim de analisar as construções das personagens femininas presentes na obra, bem como os elementos que as caracterizam e representam. A pesquisa possui natureza qualitativa, visto que pretende-se interpretar e discutir componentes da narrativa. Propõe-se, nesta pesquisa, explorar de forma detalhada a obra *Clara dos Anjos*, com o intuito de realizar análise textual, salientando passagens e elementos presentes na narrativa, visando à compreensão do contexto social de produção, desdobramento da história e a influência desses componentes na concepção das personagens femininas anunciadas na obra. O trabalho centraliza-se no Brasil do início do século XX e no contexto literário daquele momento, assim, foi realizada uma contextualização histórica e cultural, considerando os aspectos sociais dominantes no período.

A análise foi conduzida com a fundamentação teórica crítica de estudos literários, históricos, biográficos, narratológicos e culturais, a partir de levantamento bibliográfico de artigos acadêmicos, livros especializados e demais materiais disponíveis pertinentes ao tema em torno do qual se estrutura esta pesquisa, e deu-se em plataformas acadêmicas e bibliotecas físicas e virtuais. Mediante fichamento dos estudos selecionados, foram ressaltados os pontos relevantes à temática proposta.

O desenvolvimento deste trabalho seguiu as seguintes etapas metodológicas: i) leitura integral da obra e construção do referencial teórico conforme o tema da pesquisa; ii) análise e interpretação dos elementos presentes no romance, com ênfase na construção das personagens femininas e na atuação do narrador, considerando os aspectos sócio-históricos que contextualizam a obra.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo caracteriza o período pré-modernista e discute suas manifestações na literatura produzida no Brasil, no início do século XX, além de contextualizar a obra em análise no interior desse panorama literário. No segundo capítulo, trata-se da análise da construção da narrativa em diálogo com a representação das figuras femininas. E, posteriormente, no terceiro capítulo, é traçada uma discussão a respeito das representações femininas presentes na obra articuladas a elementos sociais, históricos e culturais.

O estudo considera o contexto em que se encontram as personagens, e tem como objetivo compreender de que modo as estruturas sociais da época, as construções simbólicas e os discursos normativos contribuíram para a construção das mesmas. Para tal, serão observados os conceitos sociais associados à figura da mulher, os quais atuam como parâmetros de regulação moral e comportamental, moldando papéis femininos idealizados tanto no imaginário social quanto no texto narrativo. Por fim, traz-se as considerações finais e as referências desta pesquisa.

2 LIMA BARRETO E A CONSTRUÇÃO DE CLARA DOS ANJOS

Esta seção contextualiza o Pré-Modernismo no Brasil, evidenciando as tensões vividas no país no período de transição entre os séculos XIX e XX. Para tanto, apresenta-se o contexto da Primeira República e seus desdobramentos, buscando compreender as transformações que, a partir deste cenário, repercutiram no âmbito literário e impulsionaram a produção pré-modernista. Entre os autores de grande relevância do período, sobressai Lima Barreto, escritor de Clara dos Anjos, cuja obra, de modo geral, problematiza as desigualdades sociais e contradições da vida nacional presentes naquele período, antecipando aspectos que seriam posteriormente aprofundadas pelo Modernismo.

2.1 O Pré-Modernismo no Brasil e a trajetória de Lima Barreto

O período Pré-Modernista desponta no Brasil a partir do irrompimento de novas tendências artísticas precedentes ao Modernismo, concebido na Europa. Correntes essas que, depois, consolidar-se-iam nas esferas artísticas brasileiras com o acontecimento da Semana de Arte Moderna, evento realizado em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo, assim, dando início ao que designa-se por Modernismo brasileiro.

Neste momento, o panorama histórico e sociopolítico corrente no país era sequente às mudanças procedentes da passagem entre os séculos XIX e XX. O Brasil vivenciava o pós-abolicionismo da escravidão e a instauração da primeira república, apropriando-se dos impactos sociais oriundos do sistema republicano. De acordo com Bosi (1970), a regência da chamada “política do café com leite” liderada pelas oligarquias paulista e mineira, condizentes aos proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais, sobretudo, de terras cafeeiras e do que dizia respeito ao segmento pecuário, à essa altura, possuía influência direta nas decisões econômicas e políticas do país.

Em vista disso, de acordo com Bosi (1970), no cume das classes dominantes da época, situava-se a camada da “nobreza fundiária”, todavia, em segundo plano, também possuindo validade em termos de direta participação política, encontravam-se a burguesia industrial de São Paulo, além do grupo de profissionais liberais estabelecido no Rio de Janeiro, e um fragmento do exército, que, desde a proclamação da república, exercia função política proeminente. Consequentes desse quadro e, somadas aos processos de urbanização com referência europeia, e a vinda de imigrantes europeus para o centro-sul, ocorriam transformações na sociedade brasileira. Em paralelo a isso, se dava o deslocamento dos

antigos escravos pelo país, resultando no crescimento das classes média, operária e do subproletariado, ao passo que, no Nordeste, a produção canavieira entrava em declínio, devido à escassez de capitais e mão de obra, somadas a ascensão do café paulista.

Decorrente desse panorama, à medida que os centros urbanos eram reestruturados, processava-se um quadro de segregação entre a população, dando vez a relações de resistência entre as oligarquias rurais, até então dominantes, principalmente nas regiões agrícolas, e os novos grupos socioeconômicos emergentes na cidade, sendo os últimos, divergentes do poder político das elites tradicionais.

A partir desse panorama, afloraram ideologias confrontantes. Ainda conforme exposto por Bosi (1970), o tradicionalismo rural encontrava dificuldades em se alinhar com a mentalidade dinâmica das áreas urbanas, abertas às influências culturais da Europa e dos Estados Unidos nas classes burguesas e impulsionadas por movimentos radicais nas camadas média e operária.

No que diz respeito à produção literária, considerando a realidade de um Brasil plural, os níveis de consciência manifestaram-se em conjunturas distintas, em que os conflitos sucediam em tempos e lugares diferentes e, por vezes, sublinhavam as tensões específicas de determinadas localidades. Entre tais circunstâncias, definia-se o círculo intelectual brasileiro dos anos 20. Em referência aos impactos promovidos pelas tendências europeias correspondentes ao contexto intelectual brasileiro daquele momento, Bosi (1970) elucida:

Falando de um modo genérico, é a sedução do *irracionalismo*, como *atitude existencial e estética*, que dá o tom aos novos grupos, ditos modernistas, e lhes infunde aquele tom agressivo com que se põem em campo para demolir as colunas parnasianas e o academismo em geral (p. 205).

Portanto, o movimento modernista foi impulsionado pela rejeição ao racionalismo e às normativas até ali estabelecidas, impactando a conduta dos artistas e escritores da época, e dando vez a uma postura provocadora e revolucionária em oposição às propostas tradicionais de artes e pensamento. As mudanças se estenderam ao que era consumido no âmbito cultural, o que resultou na valorização das produções artísticas europeias, assim como das correntes intelectuais que possuíam reconhecimento naquele contexto. As vanguardas europeias passam a ser apreciadas pela elite brasileira.

O Brasil enquanto país característico da extração colonial, não fugiu dos reflexos da ânsia pela atualização literária, comportamento exposto por Bosi (1970), como típico da elite dos países subdesenvolvidos, cujo fundamento se encontra na tentativa de superar os atrasos econômicos e sociais por meio da aderência das tendências artísticas e culturais

internacionais. E em decorrência disso, acontecia um descompasso, apontado como responsável por gerar um hiato ainda maior entre as classes privilegiadas e a massa populacional. Tal lacuna essa que teria provocado uma relação de tensão entre as concepções universalistas e nacionalistas, visto que a primeira valorizava modelos estrangeiros e referências universais, abstraindo-se das estruturas sociais vigentes, ao passo que a segunda se fundamentava na afirmação identitária e autêntica.

Dessa forma, estabeleceu-se entre muitos intelectuais e artistas um dilema: de um lado, a tendência em seguir os modelos vindos da Europa em contrapartida à urgência de representar e valorizar os elementos culturais brasileiros. Contudo, embora em um primeiro momento, houvesse a preferência pela adesão do estrangeirismo, com o amadurecimento do movimento modernista, consolidar-se-ia uma produção artística original, que contava com a valorização das raízes nacionais, de modo que passou-se a incorporar temáticas que ressaltavam as manifestações culturais populares, atribuindo relevância às experiências históricas e culturais do país: “provam-no a ficção de Mário de Andrade, a poesia regional universal de Bandeira, o ensaísmo de Tristão de Ataíde e de Gilberto Freyre, a pintura de Tarsila e de Portinari, a escultura de Brecheret, a música de Villa-Lobos” (Bosi, 1970, p. 206).

À vista disso, caracterizou-se o Pré-modernismo, designado como um período atravessado pela problematização da realidade social e cultural brasileiras. Conforme Bosi (1970), a maior parte da literatura brasileira anterior à Semana de Arte Moderna não trazia notáveis inovações, repetindo estilos já consagrados, o que poderia ser considerado um atraso se cogitadas as transformações mundiais que sucediam-se naquele momento.

Caberia ao romance de Lima Barreto e de Graça Aranha, ao largo ensaísmo social de Euclides, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim, e à vivência brasileira de Monteiro Lobato o papel histórico de mover as águas estagnadas da belle époque, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional (Bosi, 1970, p. 206).

Isso posto, trazendo à tona as contradições da vida nacional e as tensões subsequentes da República Velha e afastando-se do espírito triunfalista derivado das tendências europeias que se assentavam no Brasil, encontra-se Lima Barreto, tornando-se figura relevante no período de transição para o Modernismo, ao desempenhar a crítica às elites, antecipando a ruptura que os modernistas realizariam, posteriormente, de forma mais radical. Lima confrontou o sistema republicano e abordou temas como desigualdade social e preconceito racial, tópicos presentes em toda sua obra.

O autor anuncia suas origens por meio de sua escrita, apresentando preocupação em denunciar as desigualdades que permeavam a sociedade da época, em defesa dos que, como ele, figuravam a camada dos menos favorecidos. Segundo Bosi (1979, p. 93):

A biografia de Afonso Henriques Lima Barreto explica o humus ideológico de sua obra: a origem humilde, a côr, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amanuense, aliadas à viva consciência da própria situação social, motivaram aquêle seu socialismo maximalista, tão emotivo em suas raízes quanto penetrante em suas análises.

As obras que compõem a carreira literária de Lima Barreto caracterizam-se por notabilizar aqueles que viviam à margem da sociedade. Evidencia-se, assim, uma postura literária alternativa e ligeiramente avessa ao período em que viveu. “Poucos autores buscavam formas alternativas para pensar a relação literatura-sociedade. Os que optavam por conduzir obras com esse intuito não podiam esperar consagração” (Silva, 2009 apud Broca, 2004). Segundo Schwarz (2017) em *Lima Barreto - triste visionário*, seu estudo biográfico sobre o autor:

Afrodescendente por origem, opção e forma literária, Lima Barreto combateu todas as formas de racismo, aqui e nos Estados Unidos — país que costumava hostilizar em seus escritos, pois julgava que por lá seus “irmãos de cor” eram tratados muito mal —, e desenhou seus personagens com particular ternura. Eles eram diferentes daqueles que o público estava habituado a encontrar nos romances que faziam sucesso então. Suas religiões híbridas destoavam do catolicismo oficial e imperante; os protagonistas variavam nos tons expressos na cor da pele, e moravam em locais mais distantes do centro da cidade, que ressoavam um passado africano (Schwarz, 2017, p. 10).

Os posicionamentos adotados pelo escritor durante sua trajetória, não lhe renderam notável reconhecimento, e em contraposto, por vezes, o tornaram alvo de desaprovações. Ao refletir a respeito das decisões assumidas por Lima Barreto ao longo de sua carreira, Schwarz (2017) afirma:

Talvez tenha feito escolhas que não se mostrariam tão acertadas no futuro. Cercara-se de escritores em boa parte hoje pouco conhecidos, assim como se afastara de outros círculos literários. Podia se equivocar em seus juízos também. Mas seu projeto literário era mesmo esse, e ele o defendia com unhas e dentes. Não abria mão do estilo irônico, sarcástico até, e tinha ojeriza a tudo que cheirasse a importação. A vida cotidiana era seu material criativo; seu ambiente, os subúrbios dos mais pobres; sua República, aquela que se dizia então: “A república que não foi” (p. 461).

São diversos os desdobramentos da trajetória literária do autor, na qual há registros de contos, crônicas, romances, sátiras e publicações em periódicos por ele assinados. Entre suas obras está *Clara dos Anjos*, iniciada em 1904, sendo sua primeira versão um conto, publicado em 1920, na coletânea *Histórias e Sonhos* e mais tarde, se transfigurando em romance, que somente anos depois, em 1948, ganhou sua primeira publicação, vinte e seis anos após a morte do autor. A marginalização da população dos subúrbios é o tema que fundamenta o enredo. Segundo Schwarcz (2017, p. 163) Lima Barreto criou diversos personagens fortemente marcados pela realidade e pelas adversidades que ele próprio vivenciou e, entre eles, somente Clara acompanhou etapas diferentes de sua trajetória biográfica. O romance foi escrito até o ano da morte de Lima Barreto, em 1922, momento em que o escritor afirmou estar reescrevendo o romance.

O enredo centraliza-se no drama vivido pela protagonista Clara dos Anjos, que após ser seduzida por Cassi Jones, rapaz conhecido por seu comportamento galanteador, almeja o matrimônio, mas seus planos não se sucedem e por ele é abandonada, ainda grávida. Situação que a sujeita a sofrer humilhações, passando a ser condenada moralmente não apenas pela família de Cassi, mas também pela estrutura social que a marginaliza.

2.2 Subúrbio e crítica social como elementos recorrentes em Clara dos Anjos

A inclinação de Lima Barreto por retratar a realidade presente nos subúrbios, segundo Schwarcz (2017) ia, de maneira crescente, o tornando um “romancista suburbano”, de modo que em seus romances os subúrbios nunca se ausentam. Já que, ao longo de sua produção, cada vez mais, o autor incorporava em suas obras experiências e personagens do subúrbio, havendo a persistência do espaço suburbano em seus textos. Conforme Resende (2016), as regiões suburbanas do Rio de Janeiro e a linha da Estrada de Ferro do Brasil estavam entre as temáticas pelas quais Lima Barreto tinha predileção em reproduzir em suas obras.

De acordo com Schwarcz (2017) a escolha por retratar o trajeto do trem seria um meio adotado por Lima Barreto, para apontar as disparidades sociais intercorrentes nas capitais, e as referências geográficas anunciadas em seu conjunto de obras possuíam relação íntima com a realidade do autor, que regularmente empreendia o percurso entre os subúrbios e o centro do Rio de Janeiro. Schwarcz (2017, p. 166) ainda afirma “no caso do escritor, os subúrbios eram quase que uma estratégia discursiva; uma maneira de construir um projeto literário alternativo a partir de um ambiente que ele dominava e experimentava.”

Clara dos Anjos, insere-se nesse composto de obras marcadas pela recorrência temática e espacial dos subúrbios. Conforme Silva (2009) Lima Barreto escreve Clara dos Anjos pensando nas suas próprias andanças e observações, apontando os reveses vivenciados pelas pessoas que, na falta de outras possibilidades, acabaram por habitar as regiões da periferia distante do centro da cidade e situadas fora dos limites municipais.

A narrativa é ambientada no Rio de Janeiro, especificamente, no subúrbio de Todos os Santos, e se passa durante as décadas iniciais da vida republicana, período em que a obra foi concebida. A cidade passava por transformações derivadas do plano de modernização e reestruturação urbana, o que acarretou o rechaçamento da população carente para as regiões periféricas. Assim surgiram os subúrbios e, conseqüentemente, problemas sociais como a falta de infraestrutura presente nessas localidades, além do baixo acesso a saúde, educação e segurança, resultando na escassez das habitações. De acordo com Schwarcz (2017) o principal responsável pela idealização e implementação do plano urbanístico do Rio de Janeiro foi Francisco Pereira Passos, que atuou como prefeito entre os anos de 1903 e 1906. O projeto de reestruturação urbana atingiu grandes proporções, e essas teriam modificado a paisagem da então capital do país e de seu entorno. Tais propostas tinham como objetivo a melhoria da malha urbana e promoveram uma redefinição dos espaços sociais.

A população que ocupava os subúrbios tornou-se desassistida pelo poder público e alvo da discriminação vinda de uma sociedade, à época, ainda bastante marcada pelo colonialismo. Conforme exposto por Schwarcz (2017), no novo modelo de sociedade que se estabelecia junto a primeira república, conviviam padrões de sociabilidade mais aristocráticos e paradigmas burgueses e urbanos de inserção. Logo, coexistiam ainda valores tradicionais e modernos.

Uma hierarquia interna ia se estabelecendo, segundo Schwarcz (2017, p. 167): “alguns bairros eram considerados menos providos de infraestrutura — como Cascadura — e outros definidos localmente como mais chiques e elegantes.” Ainda para Schwarcz (2017) com a divisão administrativa implementada na cidade na década de 1880, o que antes era chamado de “freguesias” passou a ser categorizado como “distritos”, os quais eram divididos em urbanos e suburbanos. Os termos iam além da distinção entre locais, determinando uma separação simbólica entre regiões consideradas mais urbanas e aquelas predominantemente rurais.

Havia bolsões de miséria em todos esses bairros, assim como áreas mais ricas se mesclavam a regiões onde habitavam trabalhadores sem recursos. No entanto, no imaginário social foi se construindo a noção de que a provisoriedade estava mais concentrada nos subúrbios do que no centro do Rio; o que era e não era verdade (Schwarcz, 2017, p. 166).

A narrativa de *Clara dos Anjos* é construída a partir desse cenário, e exhibe as relações geográfico-sociais subsistentes no espaço urbano. Segundo Silva e Palhares (2011, p. 138) “exploram-se, em Clara dos Anjos, as contradições de um progresso social de um país que desejava alcançar a modernidade, mas ainda se via preso a um passado colonial, enfrentando grandes problemas advindos de uma sociedade burguesa.”

À medida que a narrativa avança, os elementos presentes nas regiões periféricas, onde habitam os personagens, bem como suas movimentações pela cidade, são descritos pelo narrador, revelando a relação de contraste entre o subúrbio e a área central. É possível observar essa relação de discrepância quando o autor descreve o ambiente onde se encontrava a casa da família de Joaquim dos Anjos:

A rua em que estava situada a sua casa se desenvolvia no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Carroções, carros, autocaminhões que, quase diariamente, andam por aquelas bandas a suprir os retalhistas de gêneros que os atacadistas lhes fornecem, percorriam-na do

começo ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção e edilidade (Barreto, 1997, p. 9).

Ao descrever os espaços urbanos, o autor expressa preocupação em evidenciar as desigualdades sociais que se acentuavam nas zonas periféricas do Rio de Janeiro, justamente no momento em que a cidade começava a adotar um novo modelo de modernização. Sua escrita transcende a descrição espacial, demonstrando intenção de ambientar o leitor. Segundo Dimas (1985, p. 20), não se deve confundir espaço com ambientação, uma vez que “o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica.” Desse modo, pode-se constatar que Lima Barreto atribui um significado emblemático a esse espaço.

Por meio da construção dos espaços e personagens, o autor evidencia a condição social dos moradores dos subúrbios, retratando com olhar crítico a realidade que os circundava. Essa construção é possível de ser observada na seguinte passagem, em que o autor faz referência aos desmazelos presente nos subúrbios:

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro (Barreto, 1997, p. 74).

Ao referir-se ao romance, Schwarcz (2017) afirma que seria esse o texto de Lima Barreto mais voltado para as particularidades dos subúrbios, além do mais concentrado em demarcar as relações espaciais e simbólicas, anunciando até mesmo as fronteiras internas presentes nas regiões suburbanas. Nesse sentido, ao mencionar a residência da família de Cassi Jones, um modinheiro branco, morador do Méier, por quem Clara dos Anjos se apaixona, o autor observa: “A residência dos pais de Cassi ficava num subúrbio tido como elegante, porque lá também há estas distinções. Certas estações são assim consideradas, e certas partes de determinadas estações gozam, às vezes, dessa consideração, embora em si não o sejam” (Barreto, 2021, p. 140).

Na narrativa, Lima Barreto diz ser o subúrbio refúgio dos infelizes, um lugar que abrigava aqueles cuja vida havia sido arruinada por infortúnios. O autor destaca, contudo, que essa condição de miséria compartilhada não gerava solidariedade, mas sim microdivisões e hierarquias sociais estabelecidas pelos próprios habitantes entre si, como se observa no excerto:

A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres [...] Todas elas se

têm na mais alta conta, provindas da mais alta prosápia; mas são pobríssimas e necessitadas. Uma diferença accidental de cor é causa para que se possa julgar superior à vizinha; o fato do marido desta ganhar mais do que o daquela é outro. Um “belchior” de mesquinhas aça-lhes a vaidade e alimenta-lhes o despeito (Barreto, 2021, p. 74).

Além das relações interpessoais presentes no espaço suburbano, Lima Barreto dedica atenção especial à minuciosa descrição do ambiente, detalhando os acessos, itinerários e habitações que integravam esse meio. O trecho a seguir ilustra a precariedade das moradias e insalubridade da vida no subúrbio:

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo (Barreto, 2021, p. 73).

Para Silva e Palhares (2011), o espaço apresentado na obra revela a escassez presente no meio suburbano, além das sombras de um passado que se manifesta por meio das construções e exprime as relações socioculturais e econômicas de onde emergem os protagonistas da trama, sendo um elemento essencial para a compreensão do seu contexto.

Clara dos Anjos, figura que dá nome à obra, é apresentada como uma jovem moradora do subúrbio, de pele parda e natureza ingênua e sonhadora. A jovem passa a idealizar o matrimônio com Cassi Jones. O rapaz utilizava de sua música e status social para seduzir as jovens suburbanas, como Clara, que o percebiam como um partido promissor e desejável. A fascinação provocada por Cassi fica evidente na passagem em que o narrador descreve sua chegada à festa da jovem, destacando o efeito imediato que o rapaz causava nas moças:

Entrou. Houve um estremecimento que percorreu os convivas, como um choque elétrico. Todas as moças, das mais diferentes cores, que ali, a pobreza e a humildade de condição esbatiam e harmonizam, logo o admiraram na sua insignificância geral, tão poderosa é a fascinação da perversidade nas cabeças femininas (Barreto, 2021, p. 44).

Entretanto, embora Cassi Jones seja revelado como morador das proximidades da linha central e filho de um funcionário público, o autor não deixa de ressaltar a procedência igualmente suburbana do personagem e sua incompatibilidade com a atmosfera do centro da

cidade, ressaltando o sentimento de inferioridade manifestado no íntimo do rapaz sempre que visitava tal espaço.

O deslocamento de Cassi para a região central da cidade anula seu status e demonstra o limite da sua ascensão, uma vez que sua personalidade é validada apenas no perímetro do subúrbio. A invisibilidade do personagem, expõe a artificialidade das hierarquias criadas dentro do subúrbio e a rigidez das barreiras sociais impostas pela sociedade elitista.

Neste cenário, a obra configura-se como uma narrativa crítica às estruturas sociais de sua época, retratando, por meio da ingenuidade de Clara dos Anjos e a precariedade do espaço, a realidade dos indivíduos, especialmente mulheres afrodescendentes e pobres, que habitavam as margens dos centros urbanos em tempos de modernização. Ao ambientar o enredo nas regiões marginalizadas e construir personagens que evidenciam essa realidade, optando por evidenciar seus estigmas e vulnerabilidade, Lima Barreto denuncia as contradições de uma sociedade que aspirava a modernidade, mas permanecia enraizada em práticas excludentes e defasadas.

3 A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA E O POSICIONAMENTO DO NARRADOR

Esta seção volta-se para a construção da narrativa de Clara dos Anjos, sobrepondo a análise do narrador e do ponto de vista por ele desempenhado, bem como a forma que este constrói as personagens femininas ao longo do enredo. São consideradas as intervenções narrativas, buscando evidenciar como as escolhas do narrador orientam e direcionam a concepção crítica do leitor, contribuindo para a problematização das relações sociais que atravessam a obra.

3.1 Narrador e ponto de vista: caminhos de interpretação

A condução da narrativa pode ocorrer por meio de um narrador externo à trama ou de uma personagem participante do entrecho ficcional. Conforme Proença Filho (1997) tal escolha influencia diretamente na apresentação e estruturação da narrativa, determinando o ângulo de observação, o ponto de vista ou o foco narrativo, elementos também chamados de visão da narrativa. Uma história pode ser narrada, entre outras possibilidades, em primeira pessoa, sendo essa um dos personagens que toma partido dos acontecimentos ou, em terceira pessoa, estando o narrador, isolado das situações. Conforme (Moisés, 1994, p. 178):

Por meio dos pontos de vista empregados (e de uma multidão de outros aspectos), o ficcionista revela uma visão ética do mundo, uma mundividência que é sempre sua, embora também reflita as tendências filosóficas e estéticas de seu tempo. Desse modo, não será por mero acaso que o romancista emprega a primeira pessoa do singular ou a terceira [...]

Em *Clara dos Anjos* a narrativa é conduzida em terceira pessoa, o narrador dispõe de total conhecimento dos acontecimentos, pensamentos e sentimentos das personagens. Além disso, ele manifesta posicionamentos avaliativos e exerce interpretação dos fatos. Trata-se de um narrador onisciente, descrito por Proença Filho (1997) como portador de visão totalizadora, sabendo tudo a respeito do que se passa entre os que figuram na obra. Para além de acompanhar as ações dos personagens, esse tipo de narrador adentra as suas emoções e intenções e pode estimular a perspectiva crítica no leitor, por vezes ironizando sobre a realidade retratada. O posicionamento narrativo direciona a compreensão do leitor sobre os fatos e modela suas concepções em relação aos personagens e enredo.

Para Lima e Vieira (2012), o narrador de *Clara dos Anjos* não se limita a relatar os eventos, ele constrói uma visão de mundo pois adota um discurso crítico, direcionado ao enfrentamento das hipocrisias e das desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira, bem como denuncia os preconceitos raciais.

Visto isso, observa-se que o tom crítico adotado pelo narrador intruso, ao passo que são emitidos comentários imbuídos de juízo de valor, intensifica-se, reforçando uma crítica que de

outro modo, permaneceria implícita ao texto. Tal tipo de intervenção pode ser vinculado ao que Booth (2022) denomina como “autor implícito” ou segundo eu do autor. Segundo o teórico, toda narrativa carrega a presença do autor implícito. Essa presença se revela por meio das escolhas narrativas, do tom adotado, da estrutura do enredo, da moralidade sugerida e da forma como a história é organizada e apresentada ao leitor:

Mesmo o romance em que nenhum narrador é dramatizado cria uma imagem implícita de um autor que está nos bastidores, seja como cenógrafo, como marionetista ou como um Deus indiferente, silenciosamente aparando as unhas. Este autor implícito é sempre distinto do “homem real” — seja ele quem for — que cria uma versão superior de si mesmo, um “segundo eu”, ao criar sua obra (Booth, 2022, p. 159).

O comportamento intromissor do narrador de *Clara dos Anjos* destaca-se, quando este insere comentários críticos sobre o ambiente suburbano em que a narrativa se desenvolve, como evidencia a seguinte passagem: “Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam” (Barreto, 2021, p. 75), ou quando recorre à fala de personagens para salientar críticas sociais, como no caso das relações de gênero: “É sempre assim. Esses 'nhonhês gostosos' desgraçam a gente, deixam a gente com o filho e vão-se. A mulher que se fomenta... Malvados!” (Barreto, 2021, p. 123).

Para mais, essa postura também se expressa quando o narrador faz uso desse recurso para descrever e posicionar personagens na trama, como ocorre com Clara:

Com raciocínios desse jaez e semelhantes, Clara, na ingenuidade de sua idade e com as pretensões que a sua falta de contacto com o mundo e capacidade mental de observar e comparar justificam, concluía que Cassi era um rapaz digno e podia bem amá-la sinceramente (Barreto, 2021, p. 95).

Nesse sentido, a condução da narrativa é atravessada pela crítica social presente no texto, especialmente no que se refere à condição das mulheres no espaço suburbano do início do século XX. Fatores como as escolhas do narrador e o ponto de vista por ele adotado contribuem para a construção dessa crítica. A narração em terceira pessoa, aliada à onisciência, permite um olhar mais próximo sobre as personagens e sustenta o tom crítico que perpassa toda a obra.

3.2 A representação das personagens e os sentidos construídos pela narrativa

Os personagens, de modo geral, possuem relação estreita dentro de um contexto, podendo ser social, histórico e cultural. Conforme Proença Filho (1997, p. 50) esses condicionam e dão vida ao enredo enquanto participantes da história, podendo ser classificados a partir de sua natureza, variedade e pela função que desempenham. De acordo com Moisés (1994) os personagens de romance são construções ficcionais que experienciam conflitos e situações ao longo da narrativa, desenvolvidos à semelhança do ser humano. O termo "personagem" tem origem na palavra latina *persona(m)*, que significava “máscara”, reforçando a ideia de representação. Com base nessas perspectivas, é possível compreender que Lima Barreto utilizava seus personagens não apenas como elementos estruturais da narrativa, mas como instrumentos de denúncia das desigualdades sociais de seu tempo.

Ao se referir a obra do autor, Schwarcz (2017) afirma que havia forte empenho em retratar a população negra e suburbana. Assim, os personagens que constituíam suas narrativas, por vezes, apresentavam religiões contrastavam com a religiosidade católica predominante; suas peles exibiam tonalidades diversas e, suas casas, localizadas nas zonas mais afastadas da cidade, guardavam ressonâncias de uma memória africana.

Em *Clara dos Anjos*, é construído um universo narrativo composto pela diversidade racial. O pertencimento ao espaço suburbano é um ponto de convergência entre todos os que figuram na trama. Clara dos Anjos, personagem que é uma das figuras centrais do enredo, é retratada pelo narrador como uma jovem dotada de uma natureza sonhadora, frágil e crua no que diz respeito à personalidade:

A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar [...] A idade, o sexo e a falsa educação que recebera tinham muita culpa nisso tudo; mas a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida” (Barreto, 2021, p. 94).

Além disso, a personagem não é retratada como detentora de grandes ambições. Em diversos momentos da trama, o narrador sugere a ausência de ambição por parte da jovem, como exemplifica o seguinte trecho:

O seu ideal de vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. Não imaginava as catástrofes imprevistas da vida, que nos empurram, às vezes, para onde nunca sonhamos ter de parar (Barreto, 2021, p. 93).

Nas passagens a personagem não apenas é retratada mas também há uma avaliação da sua personalidade, promovendo a ideia de ingenuidade e a posicionando como uma jovem

influenciada por expectativas alheias. Descrições desse tipo podem orientar a interpretação do leitor e promover um olhar crítico sobre a narrativa.

Ademais, convém observar que Clara é construída em conformidade com um modelo feminino idealizado. É possível observar que a personagem é apresentada como referência de uma conduta esperada pelas mulheres que compunham o contexto social da obra. Esse discurso moral pode ser observado quando, ao caracterizar o personagem Marramaque, amigo próximo da família e padrinho da jovem, o narrador acessa às instâncias de seu pensamento, revelando as desconfianças a respeito do pretendente da afilhada nutridas pelo padrinho, sinalizando, assim, como as jovens pertencentes a realidade vivida por Clara eram enquadradas em representações marcadas por lógicas de inclusão ou exclusão social:

Na sua vida, tão agitada e tão variada, ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social (Barreto, 2021, p. 38).

Essas relações sociais se evidenciam quando Marramaque, ao refletir sobre a situação da afilhada, conclui que, se até as jovens socialmente reconhecidas por sua integridade moral eram condenadas desde o nascimento, ainda mais vulneráveis estariam diante de indivíduos como Cassi Jones. Como observa o narrador: “Se assim acontecia com as honestas, como não pensaria sobre o mesmo tema um malandro, um valdevinos, um inconsciente, um vagabundo cínico, como ele sabia ser o tal Cassi?” (Barreto, 2021, p. 38).

Percebe-se a presença de um narrador parcial, que recorre a termos pejorativos para retratar o rapaz. Todavia, embora adote um discurso que parece se preocupar em proteger figuras como Clara, ao se utilizar do termo “honestas”, quando se refere às jovens com conduta semelhante a dela, pode ser interpretado como reprodutor de valores morais enraizados na sociedade da época. A preferência pelo termo sugere um julgamento que está associado ao comportamento feminino, fundamentado na valorização da castidade, revelando, mesmo que de modo sutil, uma concepção moldada por modelos sociais tradicionais.

Tal ambiguidade cometida pelo narrador, está em conformidade com Booth (2022) quando disserta sobre a impossibilidade de imparcialidade na ficção, afirmando que na prática, não é possível ao autor a criação de uma obra totalmente imparcial. Dessa forma, o texto parece se embasar em discursos que derivam da desconfiança moral direcionada às mulheres, ao mesmo tempo em que as figuras masculinas dispõem de maior permissividade em suas ações.

Outro aspecto a ser considerado na construção de Clara é sua postura em relação aos demais personagens que a cercam, revelando um sutil sentimento de orgulho. Seu comportamento é apresentado pelo narrador como um reflexo das limitações de discernimento da jovem:

Seu pai - pensava ela - estava bem empregado, relacionado, respeitado; ele, portanto, não seria tão tolo, que fosse desrespeitar uma família honesta, que tinha por chefe tal homem. De resto, esses rapazes não são culpados do que fazem; as moças são muito oferecidas... Com raciocínios desse jaez e semelhantes, Clara, na ingenuidade de sua idade e com as pretensões que a sua falta de contacto com o mundo e capacidade mental de observar e comparar justificavam, concluía que Cassi era um rapaz digno e podia bem amá-la sinceramente (Barreto, 2021, p. 94).

A passagem revela como a realidade é interpretada pela jovem, ainda que a partir de um olhar ingênuo, percebe-se a presença de julgamentos morais. A percepção que Clara teria de si é avaliada por Schwarcz (2017, p. 155), ao afirmar que “Clara, por exemplo, queria sempre afastar-se da vizinhança. A protagonista julgava-se diferente dos demais por conta da sua educação e cor mais clara, e não se conformava com a vida e o destino a ela reservados nos subúrbios.”

Desse modo, a personagem passa a ocupar um lugar ambíguo na narrativa pois embora em muitos momentos seja retratada como uma jovem vulnerável diante das limitações do espaço em que integra, por vezes demonstra certo distanciamento em relação ao ambiente e os que figuram nesse cenário. Essa duplicidade atribui complexidade à personagem, que, mesmo submissa, em alguns trechos do texto, parece nutrir, ainda que de forma inconsciente, a convicção de pertencimento a uma realidade superior àquela que vivencia.

A análise desses episódios presentes no texto sugere um narrador que, ao longo da narrativa, considera os condicionamentos sociais e familiares que moldam Clara, ele não a constrói como figura passível de julgamentos, mas exhibe o contexto, expõe suas vulnerabilidades e fatores que limitam sua autonomia. Os posicionamentos do narrador podem amenizar possíveis críticas às atitudes da personagem e orientar o leitor a conceber suas ações como consequentes de um contexto restritivo, marcado pela ingenuidade, ausência de possibilidades e capacidade crítica de interpretação da realidade, propondo uma leitura mais compreensiva a respeito de Clara.

As personagens Engrácia, Margarida e Salustiana ocupam posições secundárias na narrativa e, ao longo da trama, vão sendo caracterizadas pelo narrador. Ao analisar a personagem Engrácia, nota-se desenvolvimento psicológico pouco aprofundado, tornando-a uma figura pouco explorada em termos de complexidade e agência. Em diversas passagens do

texto, o narrador lhe atribui pouca atividade e reação diante dos acontecimentos, bem como a descreve da seguinte forma: “o seu temperamento era completamente inerte, passivo [...] qualquer acontecimento inesperado que lhe surgisse no lar, punha-a tonta e desvairada” (Barreto, 2021, p. 51).

Engrácia é um exemplo da forma como o narrador estrutura determinados perfis femininos a partir de papéis socialmente esperados, essa interpretação é reforçada quando ele redige comentários a respeito da educação da personagem: “Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças –, tratou de esquecer o que tinha estudado” (Barreto, 2021, p. 52).

As considerações feitas pelo narrador generalizam a conduta feminina além de evidenciar a construção de um modelo de personagem cuja função dentro da narrativa se opõe a um comportamento ativo. A forma como Engrácia é representada parece mais contribuir para um sentido narrativo que reforça a posição de estagnação vivenciada por mulheres que constituíam o cenário reproduzido na obra.

Para mais, embora Engrácia seja regularmente apresentada como figura zelosa e superprotetora em relação à filha, ao final do enredo, seu comportamento inerte é reforçado quando ao se deparar com o infortúnio vivido pela filha, ela não assume um posicionamento ativo em busca de justiça para o caso de Clara. Ao contrário, se omite, permitindo que Margarida saia em defesa da jovem e tome a iniciativa de obter alguma reparação.

Em contrapartida, o oposto parece se passar no caso da personagem Margarida, que é representada como mulher de comportamento enérgico e firme. A personagem é ativamente caracterizada pelo forte senso de justiça e proteção que exerce em relação a Clara. Margarida opera de forma ativa e intervém diante dos acontecimentos, essa disposição a coloca em evidência quando relacionada a personagens que manifestam-se de forma menos ativa, como no caso de Engrácia, cuja postura é significativamente mais passiva.

O contraste entre Engrácia e Margarida demonstra como o narrador constrói diferentes modos de representação feminina variando entre figuras conformadas e outras que demonstram maior grau de agência. Para Booth (2022) mesmo quando a narrativa mostra neutralidade, há sempre uma escolha por parte do autor, essa intenção pode ser manifestada de forma implícita ainda assim determina quais personagens terão maior notoriedade e como deverão ser percebidos pelo leitor.

Posto isso, é possível incluir a personagem Salustiana como outro exemplo considerável. Embora a mãe de Cassi desempenhe o papel de esposa, sendo esse o que era tradicionalmente atribuído às mulheres daquele período, sua representação não se limita à condição de figura

coadjuvante e inteiramente subordinada ao marido. De outro modo, ela ocupa posição de influência sobre as decisões condizentes à família, sobretudo nos eventos que envolvem o filho. Isso a faz sobressair à figura masculina de seu marido Manuel, ainda que ocasionalmente suas ações dependem do intermédio do mesmo, é ela quem ocupa maior evidência no núcleo familiar.

Ademais, Salustiana é veementemente caracterizada pela soberba, uma vez que embora integre a região do subúrbio, sustenta a crença de superioridade em relação aos moradores daquela região. A personagem reproduz discursos de caráter excludente e discriminatório, e identifica-se com valores e hábitos elitistas, conforme comenta o narrador:

Tinha fumaças de grande dama, de ser muito superior às pessoas de sua vizinhança e mesmo às dos seus conhecimentos. O seu orgulho provinha de duas fontes: a primeira, por ter um irmão médico do Exército, com o posto de capitão; e a segunda, por ter andado no Colégio das irmãs de Caridade (Barreto, 2021, p. 19).

O narrador exprime uma postura crítica ao relativizar o valor das referências sociais que sustentam a vaidade da personagem quando faz escolha da expressão “fumaças de grande dama” para caracterizá-la. Ao se utilizar do termo, sugere uma postura irônica à vista da altivez de Salustiana. Essa construção enfatiza o distanciamento entre a imagem que a personagem projeta de si e a realidade da qual faz parte. O uso de ironia procede como um recurso responsável por expor a fragilidade das convicções da personagem. O narrador também faz isso ao expor que a posição social ocupada pelo irmão e a conclusão dos estudos em colégio religioso seriam alguns dos motivos pelos quais Salustiana considerava se distinguir do ambiente suburbano. Assim, além de direcionar a leitura também contribui para o questionamento das estruturas sociais presentes na obra. Em vez de oferecer uma descrição neutra, o texto sugere uma leitura crítica da personagem, construindo uma representação que evidencia as contradições entre aparência e realidade, segregação e pertencimento social.

Dessa forma, a análise das personagens evidencia a complexidade da representação construída ao longo da narrativa. O narrador, ao assumir uma posição que transita entre a empatia, a ironia e a crítica, exerce papel central na mediação entre o universo ficcional e o olhar do leitor. Por meio de suas escolhas narrativas opta por destacar as expressões que emprega e ocupa-se em produzir avaliações explícitas e implícitas, orientando a interpretação das personagens e conduzindo a forma como suas ações são julgadas.

Assim, determinadas figuras femininas são suavizadas em sua fragilidade, enquanto outras são intensificadas em sua força ou contradição, de modo a construir um painel social que problematiza os papéis impostos às mulheres no contexto retratado. Ao articular

vulnerabilidade e resistência, passividade e iniciativa, o narrador não apenas movimenta o enredo, mas direciona a leitura para uma crítica às estruturas sociais e de gênero vigentes. Nesse sentido, a representação das personagens femininas não se limita à composição de figuras narrativas, atuando na elaboração do sentido crítico que permeia *Clara dos Anjos*.

4 AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM CLARA DOS ANJOS

A presente seção propõe uma análise das figuras femininas que integram o romance *Clara dos Anjos*, abordando suas representações e evidenciando como tais personagens são construídas a partir de estigmas sociais, raciais e de gênero vigentes no início do século XX. Ao contrastar passividade, conformismo e ruptura, torna-se possível compreender de que maneira as figuras femininas expressam a reprodução de valores tradicionais e resistências sutis diante do contexto social em que a obra se insere, contribuindo para o caráter crítico do romance em relação à condição da mulher na sociedade brasileira da Primeira República.

4.1 Passividade e conformismo nas representações femininas em *Clara dos Anjos*

As personagens femininas do romance *Clara dos Anjos* evidenciam a condição social das mulheres no início do século XX. Segundo Mendonça e Ribeiro (2011), nesse período, os papéis socialmente atribuídos às mulheres restringiam-se, majoritariamente, às tarefas do lar e da família, ao passo que elas eram sistematicamente inferiorizadas pelos homens, em um contexto marcado fortemente pela reprodução dos valores herdados da tradição portuguesa.

A narrativa se passa no período pós abolicionista e apresenta figuras femininas que evidenciam o silenciamento, a vulnerabilidade social e os julgamentos morais impostos às mulheres da época, especialmente às negras e suburbanas. Ademais, ao analisarem os resquícios do processo de colonização que recaíram historicamente sobre as mulheres, Mendonça e Ribeiro (2011) ainda destacam que as mulheres escravizadas estavam, sobretudo, destinadas à força produtiva e à servidão de seus senhores, por vezes, atuando como amas de leite e, além disso, eram submetidas à sexualização.

À luz dessas considerações, torna-se possível compreender de que modo as personagens femininas da obra são construídas a partir de marcadores sociais. De acordo com Schwarcz (2017), as mulheres negras passaram a ser representadas de forma crescente nos textos literários produzidos no período em que Lima Barreto escrevia. Essas personagens ocuparam espaço significativo na obra do autor e foram, por ele retratadas de maneira singular. Ao analisar tais representações na produção literária de Lima Barreto, a autora afirma ainda que as personagens construídas em seus textos fugiam do padrão de vulgaridade comumente atribuído às personagens “mulatas” da época, revelando uma possível preocupação do escritor em denunciar o olhar preconceituoso dirigido a essas mulheres, seja por meio da descrição dos maus-tratos a que eram submetidas, seja pelo relato de suas frustrações diante dos sonhos de ascensão social. Nesse sentido, Schwarcz (2017, p. 425) observa:

O escritor, que reservava uma postura desconfiada em relação ao feminismo, mas era solidário quando se tratava de denunciar violências cometidas por maridos,

amantes, namorados ou desconhecidos, caracterizava as protagonistas ‘mulatas’ quase como prisioneiras desse seu destino traçado.

Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto evidencia essa crítica social à medida que atribui características e ações às figuras femininas. Para Schwarcz (2017), a crítica presente no romance não se limita à questão racial expressa por meio das distinções sociais baseadas na cor da pele. O autor também direcionou atenção especial à denúncia das violências impostas às mulheres pobres, evidenciando os diferentes níveis de resignação que as atravessavam em razão de sua condição social. Clara dos Anjos, personagem que intitula o romance, é apresentada por Lima Barreto com características que situam sua trajetória em um ambiente social condicionado por fatores de classe, raça e gênero, que atuam na constituição de sua identidade. Essa construção pode ser observada na descrição inicial da personagem, em que o narrador enfatiza traços físicos, origem familiar e experiências cotidianas que a inserem em um contexto de vulnerabilidade social:

Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe [...] Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumalara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares (Barreto, 2021, p.38).

Contudo, embora inserida em uma realidade socialmente vulnerável, Clara é apresentada como uma jovem protegida e zelada pela família. Conforme descreve Barreto (2021, p. 12): “Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou o pai, só saía com Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras”. No decorrer da narrativa, observa-se que tais características não apenas delineiam o perfil da personagem, mas também a revestem de um ideal de feminilidade valorizado por uma sociedade essencialmente conservadora.

A doçura, pureza, recato e obediência, dialogam com valores morais oriundos de uma construção social em que a mulher é associada à castidade, à submissão e à honra familiar. A configuração de Clara encontra-se enraizada em um sistema simbólico mais amplo, sustentado por essa tradição socialmente internalizada ao longo do tempo; tais concepções contribuíram para a legitimação de uma determinada condição feminina, cujos reflexos se manifestam nas expectativas sociais que recaem sobre a personagem Clara, por exemplo.

Outro aspecto a ser considerado é a inércia da personagem em relação aos acontecimentos que a cercam e atravessam sua realidade. Tal característica é explicitada por Lima Barreto ao descrever Clara como “uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos

fortes que a modelassem e fixassem [...]”, acrescentando que ela “vivía toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros explorados da morbidez do violão” (Barreto, 2021, p. 94).

A jovem apresenta-se, assim, omissa diante dos eventos que se entrelaçam ao seu destino, sem demonstrar uma preocupação efetiva em transformá-los. Essa postura evidencia-se quando Clara resiste às investidas de Dona Margarida, amiga da família, que a incentiva a auxiliá-la nos bordados como forma de obter alguma renda, e a jovem aceita após grande insistência: “Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher” (Barreto, 2021, p. 93).

A postura de Clara vincula-se à divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres estabelecidas no início do século XX. Conforme Mendonça e Ribeiro (2009), a organização familiar tradicional atribuía ao marido a responsabilidade de prover e zelar pela família. Cabia ao homem o trabalho fora do lar, fonte de legitimidade social, ao passo que à mulher era destinada às funções relacionadas ao cuidado da casa e dos filhos. Por outro lado, a mulher que não correspondia às expectativas consideradas sagradas do matrimônio, ao assumir atividades fora da esfera do lar, colocava em risco o modelo idealizado de feminilidade, assim como o papel atribuído ao homem de assegurar sua permanência nesse espaço. Dessa forma, tais atribuições de gênero revelam-se profundamente enraizadas nas tradições e nos costumes das famílias brasileiras.

Ao longo da narrativa, observa-se que a personagem não assume plenamente responsabilidades sobre a própria existência, como evidencia o narrador ao afirmar que, “na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo” (Barreto, 2021, p. 94). Contudo, ainda que não desempenhe um papel de agente transformadora no enredo, identifica-se em Clara uma inquietação interior que, diante das investidas de Cassi Jones, a impulsiona a corresponder ao interesse do pretendente. Mesmo após o assassinato de seu padrinho e apesar de nutrir suspeitas quanto à possível participação do rapaz no crime, Clara opta por manter o relacionamento:

Clara, logo que soube do assassinato do padrinho, ficou fora de si. Lembrou-se das ameaças veladas que Cassi fazia ao padrinho, nas cartas que lhe escrevia; lembrou-se também da carta em que ela narrava ao namorado a atitude de Marramaque, quando o pai falou ao compadre na necessidade de ter um franco entendimento com o violeiro. Por aí e por outras pequenas circunstâncias, atribui a Cassi o assassinato do padrinho e como que se julgava também cúmplice. Veio-lhe

um medo daquele cantador meloso, dengoso, apesar de seu mau olhar de folhas-de-flandres; e, num relâmpago, viu bem quanto de fingido e falso podiam conter as suas cartas ternas e cheias de protestos de boas intenções e de amor sincero e honesto. Imediatamente, porém, explicou esse seu ato de desvario criminoso como um esporádico ato de loucura, provocado pelo amor que tinha a ela (Barreto, 2021, p. 114).

A jovem interpreta os atos do rapaz como resultado de um impulso amoroso, do qual ele não teria controle, o que, para ela, justificaria ou ao menos abrandaria sua conduta. Assim, Clara atribui a Cassi uma imagem de alguém dominado pelas emoções, vítima do sentimento irrefreável que alimentava por ela. O posicionamento da personagem pode ser interpretado como reflexo de uma estrutura historicamente construída em torno da figura feminina, na qual a responsabilidade pelas violações morais e sexuais tende a recair majoritariamente sobre a mulher.

Ao longo da narrativa, a personagem Clara se abstrai dos fatos que ligam Cassi à morte de seu padrinho e mantém o vínculo com o rapaz, cedendo às suas tentativas de aproximação. Ao final, engravidada do violeiro que, após alcançar seus propósitos, a abandona, deixando-a exposta às consequências sociais da gravidez fora do casamento e ao severo julgamento moral imposto pela sociedade.

Além de Clara, a lógica da passividade estende-se a outras personagens femininas, atravessadas pelo conformismo e pela omissão. À medida que a narrativa avança, são apresentadas mulheres inseridas em diferentes circunstâncias, mas marcadas por comportamentos semelhantes. Personagens secundárias como Ernestina, casada com Ataliba do Timbó, parceiro de Cassi Jones, descrita como uma mulher alegre, comunicativa e de boa aparência, que, após o casamento, teria abandonado seus gostos e sua vivacidade; e Rosalina, obrigada a se casar ainda muito jovem e que, após algum tempo de matrimônio, passou a sofrer agressões do marido, o qual a abandona com os filhos, levando-a, diante dos infortúnios da vida, a desenvolver o vício do alcoolismo, reforçam esse padrão comportamental recorrente na obra. Nesse sentido, no que se refere às personagens mais evidentes, destaca-se Engrácia, mãe de Clara, descrita pelo narrador da seguinte forma:

O seu temperamento era completamente inerte, passivo. Muito boa, muito honesta, ativa no desempenho dos trabalhos domésticos; entretanto, era incapaz de tomar uma iniciativa em qualquer emergência. Entregava tudo ao marido, que, a bem dizer, era quem dirigia a casa (Barreto, 2021, p. 51).

As características e ações assumidas por Engrácia evidenciam a inércia feminina e limites impostos às mulheres que constituíam um contexto social no qual a obediência e silêncio

eram valorizados. Nesse sentido, Engrácia surge como reflexo de uma construção do feminino marcada pela submissão, pela passividade e pela renúncia à autonomia, traços que se naturalizam e passam a definir não apenas seu papel social, mas também sua identidade dentro da narrativa.

Além disso, ao longo da narrativa, o narrador faz referência a outras jovens que, em momentos anteriores, se envolveram com Cassi Jones. Essas personagens são apresentadas com trajetórias semelhantes, marcadas pela aproximação inicial do rapaz, pelo envolvimento afetivo e, posteriormente, pelo seu afastamento. Esse padrão se evidencia na passagem em que Emanuel, pai de Cassi, menciona o nome de algumas dessas moças, ressaltando a repetição das relações vividas pelo filho:

Que calúnia, qual nada! Eu sei o nome das outras. Olhe: a Inês, aquela crioulinha que foi nossa copeira e criada por nós; a Luísa, que era empregada do doutor Camacho; a Santinha, que ajudava a mãe a costurar para fora e morava na Rua Valentim; a Bernarda, que trabalhava no ‘Joie de Vivre’... (Barreto, 2021, p. 18).

Em larga medida, nas situações retratadas no enredo, nota-se a ausência de reação efetiva por parte das jovens envolvidas com Cassi, o que revela um padrão de passividade recorrente entre essas personagens. Essa característica pode ser compreendida como recurso narrativo que reforça o ambiente de resignação presente no romance. Um caso representativo é o de Nair, descrita por Barreto (2021) como jovem pobre que vivia nas proximidades da família de Cassi cuja aproximação com Catarina, irmã do rapaz, culmina em mais um episódio de sedução, no qual Nair engravida de Cassi. Diante da situação, a mãe da jovem tenta obter algum tipo de reconhecimento por parte da família do rapaz, mas não obtém sucesso. Hostilizada por Salustiana, mãe de Cassi, acaba tomada pelo desespero, o que resulta em seu suicídio.

Ambas as personagens são mencionadas de forma passageira, no entanto, suas descrições carregam apelo simbólico, revelando os efeitos de apagamento identitário. Evidenciando, assim, aspectos das limitações e vulnerabilidades que permeiam a experiência feminina na obra. Sob a ótica de Booth (2022) a retomada do foco em personagens que experienciaram semelhantes situações, pode ser entendida como tomada de partido narrativa. Para o autor, “mesmo entre personagens de igual valor moral, intelectual ou estético, todos os autores inevitavelmente tomam partido [...] não é possível dar igual ênfase a todos” (2022, p. 89 - 90). Assim, pode-se inferir que, ao optar por reiterar a presença de figuras femininas inseridas em contextos de fragilidade e desamparo social, o autor orienta a percepção do leitor, sugerindo de maneira sutil uma crítica às estruturas sociais que sustentam e perpetuam tais condições.

4.2 Ruptura, contraste e tipologia das personagens femininas

No panorama das figuras femininas da narrativa, destaca-se também Salustiana, mãe de Cassi Jones, cuja caracterização contrasta com a das personagens anteriormente analisadas. Salustiana é apresentada como uma mulher vaidosa e soberba, detentora de autoridade no espaço doméstico, que não mede esforços para livrar o filho de punições, chegando, inclusive, a enfrentar o marido. A personagem ocupa uma posição de destaque na dinâmica familiar, exercendo influência direta sobre as decisões do lar e assumindo, em diversos momentos da narrativa, uma postura de liderança no âmbito doméstico.

Ademais, as personagens apresentadas não são dotadas de profundidade psicológica, uma vez que suas identidades são frequentemente moldadas pelas ações externas, reduzindo-as a figuras passivas e condicionadas às expectativas sociais que as cercavam. Seriam Clara, Ernestina, Rosalina, Engrácia e Salustiana, conforme a perspectiva de Moisés (1994) personagens planas, visto que esses personagens são desprovidos de profundidade psicológica e dramática, sendo apenas caracterizados por uma qualidade, defeito ou característica.

Para Moisés (1994, p. 141), “ainda se pode dizer que as personagens planas são estáticas, inalteráveis ao longo da narrativa, sempre iguais a si próprias e jamais reservando surpresa ao leitor por suas características específicas, mas tão-somente por sua ação”. É possível verificar a manifestação dessas características na forma como as personagens atuam ou se omitem no desdobrar da narrativa. E, especialmente, no que se refere à Salustiana, embora a personagem assuma um papel ativo em diversos momentos, sua trajetória não revela conflitos internos ou mudanças de comportamento. Assim, se aproxima dessa tipologia, parecendo funcionar como um símbolo da manutenção da reprodução dos discursos de controle social.

Em contraste, destaca-se a personagem Margarida, amiga da família de Clara, caracterizada no enredo como uma mulher de temperamento firme, justa e bondosa. De ascendência estrangeira, Margarida chegou ao Brasil ainda na infância e, muito jovem, enfrentou a perda da mãe. Já na vida adulta, lidou também com o falecimento do pai e do marido. Após essas sucessivas perdas, criou o filho sozinha, adotando a costura e a criação de animais como meios de sustento. Diante das dificuldades que marcaram sua trajetória, acabou estabelecendo-se no subúrbio, nas proximidades da residência de Joaquim dos Anjos, onde passou a viver de forma digna.

Conforme o enredo sucede, são descritas situações em que é possível observar autonomia na personagem, Margarida apresenta resistência, especialmente diante de figuras masculinas. Essa postura pode ser observada na seguinte passagem: “O Senhor Ataliba do Timbó deu em

certa ocasião em persegui-la com ditinhos de amor chulo. Certo dia, ela não teve dúvidas: meteu-lhe o guarda-chuva com vigor” (Barreto, 2021, p. 42). Neste episódio, Margarida diverge do comportamento passivo esperado das mulheres daquele período e contexto e demonstra enfrentamento ao se deparar com um comportamento invasivo. A personagem opera com forte senso de justiça, o que a leva a assumir a posição de defensora de Clara, como se evidencia quando Margarida, ao tomar conhecimento da situação de abandono da amiga, enfrenta a família de Cassi Jones em busca de justiça, exigindo reparação e um posicionamento por parte do rapaz e de seus familiares.

De acordo com a classificação proposta por Moisés (1994), Margarida pode ser compreendida como uma personagem “redonda”, pois se destaca por sua singularidade e por apresentar maior profundidade em sua construção. Segundo o autor, “a personagem redonda obedece primordialmente aos impulsos interiores, colocando-se à margem ou acima das coerções sociais” (Moisés, 1994, p. 141). Margarida simboliza uma contraposição ao modelo de feminilidade associado à resignação, funcionando como contraste às figuras femininas que permanecem silenciadas ao longo da narrativa.

Dessa forma, as personagens femininas analisadas compõem um mosaico que representa modelos de feminilidade fortemente atravessados por condicionantes sociais e morais e, embora representadas de forma distinta diante de tais imposições, ambas estão integradas em uma narrativa que evidencia estruturas sociais e raramente lhes é concedida consciência crítica. Assim, em vez de preocupar-se com a emancipação feminina, o autor parece ter como prioridade denunciar um moralismo sustentado à custa da vulnerabilidade das mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo traçar uma análise acerca das representações das personagens femininas do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, explorando de que modo o discurso narrativo constrói e tensiona as relações sociais impostas às mulheres que integravam o contexto social brasileiro do início do século XX, período em que a obra se passa. A análise deu-se a partir da pormenorização das figuras femininas, bem como do posicionamento do narrador, buscando compreender como as desigualdades sociais e relações de gênero e raça se articulam ao texto da obra.

Conforme a pesquisa, constatou-se que as personagens femininas da obra foram, sobretudo, representadas de acordo com padrões de passividade, submissão e vulnerabilidade, salientando as limitações a que as mulheres, especialmente aquelas que figuravam o espaço suburbano, estavam sujeitas. *Clara dos Anjos*, personagem feminina central do enredo, é construída a partir dos aspectos sociais expostos na obra, o que condiciona seu destino, assim como o das demais personagens femininas. Contudo, embora suas ações se relacionem intimamente a um contexto social restritivo, algumas personagens apresentam inércia diante dos acontecimentos, ao passo que outras atuam como agentes.

Ademais, constatou-se que o narrador desempenha um papel fundamental na orientação do leitor e, no desdobrar da narrativa, alterna entre a crítica às estruturas sociais e discursos moralizantes. Conforme exposto, o texto é atravessado por julgamentos avaliativos que influenciam a percepção do leitor acerca das personagens femininas. Os posicionamentos do narrador evidenciam as contradições presentes no contexto social retratado na obra.

Observou-se ainda que, embora as personagens analisadas sejam representadas sob os estigmas de uma estrutura que as oprime e raramente lhes seja concedida consciência crítica, a narrativa apresenta indícios de tensão entre submissão e autonomia. Ademais, em lugar de preocupar-se com a emancipação feminina, o autor parece ter como prioridade denunciar um moralismo sustentado à custa da vulnerabilidade das mulheres. Dessa forma, a obra promove uma reflexão crítica sobre os mecanismos sociais e religiosos responsáveis pela manutenção dessas estruturas.

Por fim, compreende-se que *Clara dos Anjos* contribui para a compreensão de permanências históricas concernentes a temáticas como desigualdade social e conservadorismo na sociedade brasileira. Ao evidenciar a realidade social vivenciada pelas mulheres, o romance estabelece um diálogo entre o contexto de sua produção e questões que ainda se fazem presentes na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Paraná: Livrarias Família Cristã, 2021.

BOOTH, Wayne C. **Retórica da Ficção**. Rio de Janeiro: Eleia Editora, 2022.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. Editora Cultrix, 2015.

BOSI, Alfredo. **O Pré-Modernismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1985.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária**: prosa. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

MENDONÇA, J. G. R.; RIBEIRO, P. R. M. Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 5, n. 1, p. 93–104, 2011. DOI:

10.21723/riaee.v5i1.3495. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3495>. Acesso em: 2 dez. 2025.

NASCIMENTO, Amanda Silva do; BEZERRA, Antony Cardoso; SILVA, Marcus Vinícius Ferreira da. Clara dos Anjos, de Lima Barreto: o conto e o romance. **Revista Encontros de Vista**. Nº 21, Jan/Jun.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997.

RESENDE, Beatriz. O Lima Barreto que nos olha. **Revista Serrote**, 2016. Disponível em: <<https://revistaserrote.com.br/2016/01/o-lima-barreto-que-nos-olha-beatriz-resende/>> Acesso em: 22 jan. 2026.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Adriana Carvalho. Leitura urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 7–16, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3559>. Acesso em: 13 mai. 2024.

SILVA, Adriana dos Reis; PALHARES, Carlos Vinícius Teixeira. A construção do espaço em "Clara dos Anjos", de Lima Barreto. **CADERNOS CESPUC DE PESQUISA. SÉRIE ENSAIOS (ONLINE)**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), 2011.

VERDAN, Tauã Lima; COELHO, Maria Rita Vieira. Dialogando com Clara dos Anjos: uma análise transdisciplinar da ficção de Lima Barreto. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXII, Nº. 000012, 10/07/2013.

Disponível em:

<https://semanaacademica.org.br/artigo/dialogando-com-clara-dos-anjos-uma-analise-transdisciplinar-da-ficcao-de-lima-barreto>. Acesso em: 17 jul. 2025.